

# três poemas

Frederico Klumb<sup>1</sup>

## A palavra amor nunca foi vista num poema

1.

Esse poder que te assusta,  
gerar filhos, é o que mais próximo  
vejo de um deus:  
gerar o que é sempre novo.  
E quão grotesco parece agora  
um Picasso de papel, único  
em sua beleza, quando o comparo  
com os olhos dos bebês  
no momento em que tomaram  
forma, decidiram suas cores  
e como o céu abandonaram  
o cinza de tempestade:  
que faz cair a chuva, faz nascer  
o tempo. Céu claro e uma praia  
virgem que será descoberta  
por homens e mulheres  
e será admirada e pode ser destruída.  
Em certos dias, o mar lançará  
ondas enormes na pedra.  
Mas a pedra se conserva  
imóvel. É a solidão e o medo.

---

<sup>1</sup> Escritor e cineasta, graduado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Mestrando na área de Literatura, Teoria e Crítica do programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF). Publicou, entre outros, *Máquinas mancas da manhã* pela Garupa edições, *cinema circular* e *Bichos contra a vontade* (finalista do prêmio Jabuti 2020), os dois últimos pela editora 7letras. E-mail: fredericoklumb@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8383-8674>.

2.

Há sempre alguma pedra  
no caminho. Por respeito  
alguns a chamam de Deus.  
Outros a chamam de homem.  
Penso que seu nome é  
*cama vazia*.  
Penso que é a pedra  
o que me impede de dormir  
ou andar de bicicleta.  
A pedra me põe a pensar  
que tenho vontade de estar só.  
Ou com mendigos que eu saiba,  
que eu saiba que gostam de mim.

3.

Não escrever mais. Odeio escrever.  
E odeio ainda mais os poemas  
enormes, como qualquer pessoa,  
mas o poema me humilha  
e não me permite deixá-lo.  
Quero odiar o homem e o verbo,  
mesmo sabendo que o homem  
é uma barata e debocha  
do universo com coragem.

4.

A qualquer momento posso matar  
a única verdade que já descobri:  
um pedaço de coral vermelho.  
Ele é minha alegria, porque  
não sei bem o que fazer ao vê-lo.

>>

São raros, valem algum dinheiro,  
mas somente para quem se alimenta  
da tristeza permanente de procurá-los  
já pensando em vendê-los.

5.

Meu pai tinha um pequeno coral  
vermelho da exata espécie que penso.  
Meu pai sempre foi um homem bom,  
porque nunca pensou em vender  
o coral, escondia-o numa gaveta  
cheia de coisas inúteis, como fazemos  
às vezes quando queremos camuflar  
ou proteger alguma coisa. Quando amamos  
algo trancamos a nós mesmos na coisa,  
a marcamos, lhe damos nome. Por isso  
não precisamos protegê-la a todo momento  
como um banqueiro. As pessoas  
que guardam coisas em cofres são tristes.

6.

É patético algumas chaves  
serem forjadas no formato  
de um coração. Palavra  
mais difícil de dizer, e imprecisa,  
porque poderia chamar-se cadeira,  
e seríamos ainda mais ridículos  
dizendo: *minha cadeira, não sei  
o que acontece, está agitada.*  
O coração deveria bombear  
pelos olhos. Dois corações indomáveis,  
capazes de passar de ave a onça,  
sem precisar de História, língua  
ou verbo.

7.

Anatomia da morte.  
Quero ser uma criança  
que nunca viu o que é morrer  
e continuar vivo. Meu amor,  
meu dançarino esquizofrênico  
capaz de convencer um país  
com sua trama fadada a falhar.  
Campeão das guerras, imperialista  
de pensamentos, acionista da insônia.  
No momento em que descobrimos  
que Deus é toda lágrima  
sem força para cair, são nossos  
os olhos que ardem.

Deus é um homem que não sabe morrer  
e não tem coragem de arrancar  
um braço, jogar-se da ponte  
ou caminhar por horas numa cidade vazia.

8.

Choro agora. Uma benção.  
Não há mais o país de manhã  
que sonhei. Choro.  
É um desafio lembrar-me do coral  
e ele é tudo o que importa.  
Como pode haver esse vermelho  
multicolor que deveria simplesmente  
se chamar *coral*?  
É tão pequeno e tão precioso,  
um menino de 10 anos perceberia,  
sentiria o ímpeto de roubá-lo  
ao menos de manuseá-lo um pouco.  
Não é tão raro quanto as esmeraldas

>>

ou os rubis, não vale tanto dinheiro,  
muitas vezes só existe para ser tocado  
e dar sentido aos olhos.  
Deus não criou o coral.  
Ninguém o conhece.  
Ele nunca é igual.  
E Deus é eterno e perfeito,  
dizem que é bom.  
Mas o mundo é o poema  
mais cruel e bem escrito de Deus.  
O coral ao contrário, não me engana.  
Sem dizer palavra, diz:  
Eu sou a dor e a beleza,  
Nada do que fizeres te salvará  
de chorar como faz agora.  
Eu vim até aqui porque me chamo amor.  
*Implora que lhe prenda,*  
*Que lhe mantenha trancado.*

\*

Enquanto leio a menina crescendo pelas bordas

insetos em um dos cadernos  
alguns deles ainda se movem  
há outro amassado e sem vida.  
quem sabe um dia eu tenha filhos,  
converse com eles sobre o silêncio  
adicionado pelo pequeno cadáver à folha.

\*

Ontem vi um velho descalço  
na frente do supermercado  
ele ria e tinha a firmeza  
dos que pensam que inventam pássaros  
Alguns meninos jogavam bola  
numa rua ao lado, corriam  
como pequenos fósforos acesos.  
Pouco importam os desastres de avião  
e a alta do dólar. Aquele velho  
e aqueles meninos,  
eles nunca sabem que morrem.

\*